

# TODAS AS ARTES

.....  
**REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA**  
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 8, N. 3, Set.-Dez. 2025  
ISSN 2184-38052

# **RECENSÃO DE LIVRO. NEUROTRIBES: THE LEGACY OF AUTISM AND THE FUTURE OF NEURODIVERSITY**

REVIEW OF THE BOOK. NEUROTRIBES: THE LEGACY OF AUTISM AND THE FUTURE OF NEURODIVERSITY

RECENSION DU LIVRE. NEUROTRIBES : L'HÉRITAGE DE L'AUTISME ET L'AVENIR DE LA NEURODIVERSITÉ

RESEÑA DEL LIBRO. NEUROTRIBES: EL LEGADO DEL AUTISMO Y EL FUTURO DE LA NEURODIVERSIDAD

**José Bola**

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, Portugal

RESUMO: Num contexto marcado pela crescente mediação algorítmica da vida social, torna-se particularmente pertinente visitar a obra *Neurotribes*, de Steve Silberman (2015), articulando a sua análise da neurodiversidade com a emergência da inteligência artificial. Sob o argumento de que os processos de normalização encontram continuidade em técnicas lógicas, que tendem a privilegiar padrões dominantes de comportamento e comunicação. A (re)leitura da obra, valorizando uma consciência digital, pressupõe um exercício reflexivo sobre os modos como a diferença é hoje enquadrada e regulada. Em última instância, trata-se de compreender como, entre códigos e classificações, se reconfiguram os regimes de legitimidade da diferença.

Palavras-chave: mediação algorítmica, neurodiversidade, inteligência artificial, técnicas lógicas, consciência digital.

ABSTRACT: In a context marked by the increasing algorithmic mediation of social life, it becomes particularly pertinent to revisit Steve Silberman's (2015) work, *Neurotribes*, articulating its analysis of neurodiversity with the emergence of artificial intelligence. This is based on the argument that normalization processes find continuity in logical techniques, which tend to privilege dominant patterns of behavior and communication. A (re)reading of the work, valuing a digital awareness, presupposes a reflective exercise on the ways in which difference is currently framed and regulated. Ultimately, it is about understanding how, between codes and classifications, the regimes of legitimacy of difference are reconfigured.

Keywords: algorithmic mediation, neurodiversity, artificial intelligence, logical techniques, digital awareness.

RÉSUMÉ: Dans un contexte marqué par la médiation algorithmique croissante de la vie sociale, il devient particulièrement pertinent de visiter l'ouvrage de Steve Silberman (2015), *\*Neurotribes\**, qui articule son analyse de la neurodiversité avec l'émergence de l'intelligence artificielle. Cette analyse repose sur l'idée que les processus de normalisation se prolongent dans des techniques logiques qui tendent à privilégier les schémas de comportement et de communication dominants. Une (re)lecture de cet ouvrage, valorisant la conscience numérique, suppose une réflexion sur la manière dont la différence est actuellement appréhendée

et régulée. Il s'agit en définitive de comprendre comment, entre codes et classifications, les régimes de légitimité de la différence se reconfigurent.

Mots-clés: médiation algorithmique, neurodiversité, intelligence artificielle, techniques logiques, conscience numérique.

RESUMEN: En un contexto marcado por la creciente mediación algorítmica de la vida social, resulta particularmente pertinente retomar la obra de Steve Silberman (2015), Neurotribes, que articula su análisis de la neurodiversidad con el surgimiento de la inteligencia artificial. Esta obra se basa en el argumento de que los procesos de normalización encuentran continuidad en técnicas lógicas que tienden a privilegiar patrones dominantes de comportamiento y comunicación. Una relectura de la obra, que valora la conciencia digital, presupone un ejercicio reflexivo sobre las formas en que la diferencia se enmarca y regula actualmente. En última instancia, se trata de comprender cómo, entre códigos y clasificaciones, se reconfiguran los regímenes de legitimidad de la diferencia.

Palabras-clave: mediación algorítmica, neurodiversidad, inteligencia artificial, técnicas lógicas, conciencia digital.



NEW YORK TIMES BESTSELLER

# NeuroTribes

The Legacy of **Autism**  
and the Future of Neurodiversity



WINNER  
of the  
Samuel  
Johnson  
Prize

STEVE SILBERMAN

Foreword by Oliver Sacks

Figura 1: Capa do livro NeuroTribes

Fonte: Fangtooth Books.

Num período em que a inteligência artificial (IA) se afirma como uma das principais infraestruturas de mediação da vida social contemporânea, organizando desde processos de recrutamento até formas de comunicação quotidiana, torna-se cada vez mais evidente que estas tecnologias não operam num vazio normativo. Pelo contrário, dependem de modelos implícitos de comportamento, linguagem e cognição que orientam aquilo que é reconhecido como resposta adequada, interação eficiente ou desempenho competente. É neste contexto que a leitura de *NeuroTribes*, de Steve Silberman, se revela particularmente pertinente. Embora focada no olhar diacrónico e prospetivo do autismo, a obra oferece um enquadramento analítico fundamental para compreender como certas formas de cognição se tornam normativas, enquanto outras são classificadas como desvio.

A escolha da obra não é, portanto, apenas historiográfica, nem se esgota na sua centralidade temática, mas encontra ancoragem na articulação analítica que permite estabelecer com os debates contemporâneos em torno da IA. Ao reconstruir a emergência do autismo como categoria diagnóstica ao longo do século XX, Silberman (2015) argumenta que, embora sempre tenha existido na população, foi historicamente ocultado ou mal diagnosticado devido a definições médicas restritivas e à ausência de um enquadramento que reconhecesse a neurodiversidade. Silberman mostra que aquilo que hoje compreendemos como variação no funcionamento cognitivo foi, em larga medida, produzido através de práticas institucionais que definiram padrões de desenvolvimento, comunicação e sociabilidade. Esta observação ganha nova relevância quando observamos o funcionamento de sistemas de IA que, de forma análoga, operam através da identificação e generalização de padrões, ainda que sob a forma de modelos estatísticos treinados sobre grandes volumes de dados.

A alusão anterior permite colocar uma questão central: até que ponto os sistemas de IA contemporâneos estão a reproduzir, ou mesmo a intensificar, regimes de normalização cognitiva historicamente sedimentados? A leitura de Silberman, em diálogo com conhecimentos provenientes de Foucault (1999, 2005), sugere que a norma nunca é neutra. Sociologicamente, emerge de dispositivos concretos de saber-poder que classificam e hierarquizam os indivíduos, tornando certas formas de existência mais legítimas do que outras. Se, *à priori*, esses dispositivos eram predominantemente institucionais (escola, hospital, família, igreja), hoje encontram-se parcialmente incorporados em sistemas técnicos que operam de forma difusa e frequentemente invisível (Zuboff, 2021).

Exemplos concretos tornam esta transição particularmente evidente. Sistemas automatizados de recrutamento tendem a privilegiar candidatos cujos perfis comunicacionais e comportamentais correspondem a padrões previamente considerados de sucesso. Isto pode penalizar indivíduos neurodivergentes cujas formas de interação, como menor contacto visual, respostas menos padronizadas ou estilos comunicacionais não lineares (Silberman, 2015; Singer, 1999), divergem dessas expectativas. De forma semelhante, assistentes virtuais e modelos de linguagem são treinados para reconhecer e produzir respostas naturalizadas, baseadas em normas linguísticas maioritárias, podendo interpretar variações comunicacionais como erro ou incoerência.

A mesma lógica pode ser observada em contextos educativos digitalizados. Plataformas de aprendizagem adaptativa e sistemas de avaliação automatizada operam frequentemente com base em métricas de desempenho que valorizam rapidez, consistência e alinhamento com respostas-modelo. Nestes ambientes, formas alternativas de raciocínio, por exemplo, abordagens mais exploratórias, não lineares ou intensamente focadas em detalhes, podem

ser subvalorizadas ou mesmo penalizadas, não por falta de rigor, mas por não corresponderem aos formatos de inteligibilidade incorporados no sistema.

Nestes casos, o que está em jogo não é apenas uma questão técnica, mas profundamente sociológica. Tal como Silberman demonstra para o campo da psiquiatria, também aqui a diferença não é simplesmente identificada, ela é produzida enquanto tal, através de sistemas que estabelecem fronteiras entre o esperado e o desviante. Autoras como Noble (2018) e Benjamin (2019) têm vindo a sublinhar que os algoritmos incorporam desigualdades históricas, transformando-as em critérios aparentemente objetivos de classificação. Neste sentido, a IA pode ser interpretada num quadro contínuo, sob novas formas, dos processos de normalização descritos por Foucault. É precisamente esta continuidade reconfigurada que justifica a centralidade de *NeuroTribes* neste debate. Ao evidenciar a historicidade da norma cognitiva, a obra permite desnaturalizar os pressupostos embutidos nos sistemas algorítmicos contemporâneos. Mais do que uma história do autismo, a obra oferece uma lente crítica para compreender como a diferença é tornada legível e, por vezes, corrigida em contextos onde a mediação técnica desempenha um papel crescente.

A partir desta reflexão, é possível avançar a hipótese de que estamos perante a emergência de uma nova ecologia política da cognição. Nela, a diversidade neurológica deixa de ser apenas uma questão de reconhecimento social ou clínico, passando a inscrever-se também no domínio das condições técnicas de possibilidade da própria inteligibilidade. Isto é, não se trata apenas de saber se determinadas formas de cognição são aceites ou valorizadas, mas de compreender em que medida são sequer legíveis dentro de sistemas que operam segundo lógicas de previsibilidade, padronização e eficiência.

Neste quadro, as infraestruturas algorítmicas não funcionam como meros instrumentos neutros, mas como dispositivos que participam ativamente na definição dos limites do cognoscível e do comunicável. Ao privilegiarem padrões estatisticamente dominantes, estes sistemas tendem a estabilizar uma gramática implícita do que conta como resposta adequada, comportamento expectável ou raciocínio válido. Consequentemente, formas de processamento cognitivo que escapam a essa gramática, como aquelas frequentemente associadas à neurodivergência, correm o risco de serem estruturalmente desconsideradas. A exclusão deixa de operar apenas ao nível social ou institucional, passando a inscrever-se na própria arquitetura dos sistemas que mediam a experiência contemporânea.

A leitura de *NeuroTribes* é teoricamente produtiva para além do seu objeto imediato. Ao demonstrar que a norma cognitiva é historicamente produzida, Silberman fornece ferramentas para desnaturalizar aquilo que, no contexto atual, tende a apresentar-se como dado técnico ou inevitabilidade operacional. Interrogar a IA a partir desta obra não significa estabelecer uma analogia simplista entre passado e presente, mas antes evidenciar continuidades estruturais nos modos como a diferença é capturada, classificada e hierarquizada, ainda que através de dispositivos distintos.

Esta conclusão implica, contudo, um movimento adicional de reflexividade. Se a recensão procurou mobilizar a obra como lente crítica para pensar a IA, importa reconhecer que esse próprio gesto analítico não é exterior às dinâmicas que descreve. Ao selecionar certos enquadramentos teóricos, ao privilegiar determinadas leituras e ao articular campos distintos (sociologia da saúde, estudos de ciência e tecnologia, crítica algorítmica), este exercício participa também na produção de um regime de inteligibilidade específico.

Deste modo, a noção de ecologia política da cognição não aponta apenas para um objeto de análise, mas para uma exigência epistemológica: a de pensar a cognição e a sua diversidade como algo sempre situado, relacional e atravessado por relações de poder que se manifestam tanto em dispositivos institucionais quanto em infraestruturas técnicas. Neste sentido, mais do que oferecer respostas fechadas, *NeuroTribes*, aqui relido à luz da IA, convida a um reposicionamento crítico, um esforço contínuo de interrogação das formas através das quais definimos, reconhecemos e valorizamos aquilo que conta como inteligência, comunicação e humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benjamin, R. (2019). *Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim code*. Polity Press.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (R. Ramalhete, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1975).
- Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975–1976)* (M. Galvão, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1977).
- Noble, S. U. (2018). *Algorithms of oppression: How search engines reinforce racism*. New York University Press.
- Silberman, S. (2015). *Neurotribes: The legacy of autism and the future of neurodiversity*. Avery.
- Singer, J. (1999). Why can't you be normal for once in your life? From a "problem with no name" to the emergence of a new category of difference. In M. Corker & S. French (Eds.), *Disability discourse* (pp. 59–67). Open University Press.
- Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder* (G. Schlesinger, Trad.). Intrínseca. (Obra original publicada em 2019).

## José Bola.

É doutorando de Sociologia na Faculdade de Letras. É mestre em Sociologia pela mesma universidade. É investigador do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. E-mail: up20230028@letras.up.pt. ORCID: 0009-0001-8894-4836.

Receção: 25-10-2025

Aprovação: 30-12-2025

## Citação:

Bola, J. (2025). Recensão de Livro. *Neurotribes: The legacy of autism and the future of neurodiversity*. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(3), pp.138-143 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n3nespa10>



